

EDIÇÃO ESPECIAL

FOLHETIM

Macaíba/RN, outubro de 2024

Colaboradores:

Ademilde Alencar
Chagas Silva
Cícero Macedo
Ermelina Palhares
Gunther Lira
Heloísa Helena Cavalcante
Juliano Alcântara
Romeu Bezerra
Rômulo Estânley
Rosemary Feitosa
Vera Anjos
Xico Alexandre

Amigos que fizeram parte das duas fases do FOLHETIM contam em que contexto surgiu o jornal e como décadas depois foi retomado.

Macedinho conta histórias de infância de João César e de sua forte ligação com o irmão.

Ex alunos falam da importância do João César professor para a formação intelectual deles.

Agradecimento:

André Arruda (idealizador desta edição especial)
Camila Desidério
(Correção dos textos)



No dia 20 de maio deste ano, a cidade de Macaíba foi surpreendida com a triste notícia da morte do professor João César. Quem entre as décadas de 1990 e 2010 estudou nas escolas Dr. Severiano, Fabrício Pedrosa, Imaculada Conceição, Tereza Brito, CERU, José Arinaldo ou Dayse Hall, certamente teve aulas de sociologia, história ou filosofia com ele. E muito embora sua popularidade se deva à função de professor (que diga-se de passagem exercia com maestria), João César tornou-se conhecido também pela produção do FOLHETIM, jornal satírico que fundou com alguns amigos em 1983 e teve sua última edição lançada em 2007. Sendo assim, nada mais necessário e coerente do que homenagearmos esse cara tão importante para a história da cidade com essa edição especial do Folhetim. São histórias, homenagens e memórias que nos faz compartilhar risos e emoção.

Cícero Macedo

A minha mais antiga lembrança da infância, quando devia ter uns três ou quatro anos, é que você me chamava de Maninho, e não de Macedinho, como me chamaria no futuro. Muitos anos depois, contei essa história a mamãe e ela, ante surpresa por eu relembrar de coisas dessa pouca idade, e emocionada pela recordação, confirmou o que contei.

Lembrei das vezes que os médicos, alguns amigos da família (Onofre Lopes foi um deles), iam à nossa casa na Rua Elviro Carrilho, no Alecrim, para te consultar e prescrever remédios por causa da sua saúde frágil naquele tempo. Você, bem magrinho e com esses problemas de saúde na primeira infância, quase recebeu extrema unção. Certa vez, estando doente, vomitou na sala e eu, sem estar doente, acho que vomitei somente para lhe acompanhar.

Você que naquela época foi levado à cidade natal da nossa mãe, Barcelona, para passar uns dias, e quase enlouqueceu vovó e parentes a chorar sem parar dizendo estar com saudades do seu Maninho, querendo ir para casa e fazendo com que o tio Edgar Barreto viesse te deixar em Natal no seu jeep de quatro portas.

E que, ao chegar em casa, pediu logo para papai nos levar ao parque de diversões São Luís, que estava armado numa rua perto de nossa casa e em frente à residência de seus padrinhos, Cândido e Helena, e você cantar a música que saía na boca de ferro, que era do cantor Orlando Dias, e onde tiramos um retrato (que ainda tenho) no qual você está com uma bola e eu com uma lancha, devidamente arrumados por mamãe.

Lembro daquele velocípede que tinha um bagageiro e que a gente botava uns quatro amigos em cima, e se descia em velocidade as calçadas da rua até parar em frente a bodega de seu Manoel (que funcionou até poucos anos), que nos fornecia o leite puro de suas vacas todas as manhãs, que ele ia buscar nas Quintas, e que sempre evitava nossos acidentes “automobilísticos” segurando o triciclo com suas fortes mãos.

Recordo quando jogávamos bola no calçamento de paralelepípedo e arrancávamos “chamboques” nos dedos dos pés e nos joelhos, e mamãe botava a gente de castigo, sem falar noutro castigo que era suportar depois a dor do merthiolate ou do iodo.

Relembro, meu irmão, da tristeza que foi em nossa casa após o golpe de 64, quando papai infartou e ficou um tempo doente, sendo tratado em casa por Dr. Helen Costa e outros médicos, e de como a gente chorava ao perceber a preocupação de mamãe e vovó, para cuidar de tudo em casa e na rua.

Nunca esqueci de quando você caiu da carroceria da

velha caminhonete Studebaker de seu Paulo, nosso vizinho, enquanto ele estacionava em frente a nossa casa. Você quebrou o pé, foi levado ao Hospital das Clínicas e passou um tempo engessado. Como não foi feito um bom trabalho você ficou para sempre com um defeito no pé, embora pouco perceptível quando caminhava, mas que forçava a coluna por causa dos seus quase dois metros de altura.

Aliás, essa altura depois foi um “problema” para ir às aulas em Natal de ônibus e pegar coletivo porque a sua cabeça ficava encostando no teto (quando viajava em pé nos ônibus, o que ocorria quase sempre!) e você curvava e forçava a coluna, o que lhe traria sérios problemas no futuro.

Me lembro das suas (e minhas) primeiras professoras (mas mamãe foi nossa primeira e maior mestra!) Aga, Pia e Marta (filhas de Dona Biluca), Glaunice e, especialmente, de Dona Libânia, que ensinava em sua casa e onde eu ia com papai te deixar antes de seguir para minhas aulas no preliminar e depois início do primário no então Instituto Infantil Sagrada Família, do rigoroso Padre Martinho, que nos “obrigou” a fazer a primeira comunhão, mas somente eu fiz, acho, pois não lembro se você fez. Eu ainda tenho a foto e o certificado religioso da minha, devidamente guardados. E de nossas idas com papai à feira do Alecrim, nossos passeios na Ribeira aos domingos para ver os navios no cais, que papai tanto gostava, as idas a Santos Reis, na casa de amigos de papai, e as brincadeiras de espadas feitas com cabos de vassouras. Essas e tantas outras coisas da nossa infância nunca me saíram da mente.

Então você chegou à segunda infância indo morar em Macaíba, aos oito anos, e já era um garoto saudável, jogando bola, correndo nas ruas com carrinho de rolimã e patinete (descendo a calçada da Rua do Cemitério), ingressando no Grupo de Escoteiros (você e nosso querido amigo Gaita), ajudando na bodega do nosso pai, e dando mostras já naquele tempo da sua privilegiada inteligência.

De repente, sem que percebêssemos, veio a adolescência, que vivenciamos em nossa querida Macaíba, onde você viveria até sua partida. Inesquecível também sua reação quando o nosso gato Mimi desapareceu logo ao chegarmos em Macaíba (dizem que estranhou a casa!). Você, que amava tanto os animais ao ponto de criar gatos e pássaros juntos (coisa que acho que só você conseguiu), chorou e passou muito tempo triste. Mimi nunca mais foi encontrado, até que nos disseram que ele voltara para a nossa casa em Natal e até hoje não se sabe como, e não sei se isso é mesmo verdade.

Ainda me lembro dos elogios nas aulas que você frequentava no colégio que funcionava no então Cine Paroquial, e que chegavam à nossa casa da Rua da Cruz através das professoras amigas, depois repetidos quando você estava no Grupo Escolar Auta de Souza, e das suas notas excelentes no Colégio Salesiano, em Natal, onde você fez o segundo grau.

Recordo das centenas de revistas em quadrinhos de todos os nossos heróis (especialmente Batman e Robin), que você lia diariamente, e dos filmes que víamos às tardes na TV preto e branco, especialmente Rin-Tin-Tin, Daniel Boone e Viagem ao Fundo do Mar. Dos nossos álbuns de figurinhas (as do ABC vinham nos pacotes de macarrão) que a gente vendia na mercearia mas tirava algumas antes (papai nunca soube!). Das peladas no campinho do Paroquial, nas tardes e noites, muitas vezes com bolas de meia que eu costurava, com a meninada da Rua da Cruz e adjacências, e dos polis que mamãe fazia e a gente “chupava” depois dos jogos, sendo inigualáveis os de coco queimado, que você tanto gostava.

E veio, novamente sem que nos déssemos conta, a fase adulta. Eu saí de casa cedo, aos dezoito anos após me casar, e assim nos afastamos um pouco. Nessa época, você já estava integrado com a turma do Pernambuquinho (onde fomos morar em 1976), especialmente com o nosso estimado amigo Chico Alexandre, e então começou a formar as suas convicções ideológicas, e passou à leitura dos clássicos da política, que moldariam suas crenças para o resto da vida. Isso levou vocês a fundarem um diretório de um partido político de esquerda em Macaíba, e um jornal que entraria para a história da cidade – O Folhetim – no qual você revelou para o público um pouco da sua genialidade que pouca gente conhecia.

Depois você entrou na faculdade de Sociologia na UFRN e nela foi aluno laureado, o que me proporcionou muita emoção e choro na noite de colação de grau, porque lembrei que nosso pai, que já não estava entre nós, estaria muito feliz com essa conquista. Ele partira para o plano espiritual em 1984, e você então passou a ser o dono de casa, cuidando da nossa mãe, da bodega, de tantas outras coisas da família, sempre com muito carinho, dedicação e organização.

Ao tornar-se professor, vieram os alunos, centenas, que iam à nossa casa beber da sua cultura, e às vezes tomar umas birritas e conversar amenidades, escutar suas piadas e tiradas geniais, especialmente quando você passou a morar na Praça José da Penha, ao lado da igreja matriz, ficando para sempre na memória aquelas cadeiras na área da casa e na praça, para conversar com seus amigos, alunos e namoradas, até que surgiu em sua vida Ademilde, sua companheira

até os seus últimos dias.

Nessa época voltamos a nos ver com maior frequência, conversar sobre muitos assuntos, e então vieram seus problemas de saúde, que preocupava todos nós, principalmente depois que nossa mãe partiu para o céu. Foram tempos muito tristes para todos nós o agravamento do seu quadro, até que veio a sua partida inesperada.

Sinto muitas saudades, meu irmão querido, e muita tristeza por saber que podíamos ter feito juntos muito mais coisas, conversado mais, nos divertindo mais, e não fizemos. Só agora me dou conta de uma dor que parece que foi sempre assim! Sinto falta dos nossos pais, para perguntar a eles sobre tantas coisas que não perguntei antes. E agora, sinto falta também das conversas com você, de suas sábias colocações e de desfrutar da sua genialidade. Sim, era como gênio que muitos tratavam você, especialmente na nossa Macaíba.

Ah, como eu gostaria que estivessem aqui papai, mamãe, vovó, os irmãos Cileno, Cilma (a irmã que não conhecemos, pois faleceu bem antes de nós, com 1 ano de idade), Marcelo, tios, tias, primos, para que todos pudessem ter desfrutado mais da sua inteligência, genialidade e do seu coração bondoso, pois mesmo com as angústias da doença, as revoltas que acontecem em decorrência dela, as tristezas e as dores, sei muito bem que seu coração permaneceu bondoso.

Seus alunos sempre acharam a mesma coisa, e vários me falaram da sua bondade e genialidade, o que me deixava sempre orgulhoso e feliz. Você foi uma bússola a guiar todos eles jovens ou mais velhos, muitos deles hoje seguindo seus passos sendo professores e professoras, no exercício da mais bela das atividades, em harmonia com os conhecimentos e lições que você legou a todos eles. Muitas vezes voltei de Macaíba, aos domingos quando ia te visitar, pensando nessas lições que sempre soube que você deixaria para tanta gente.

Eu pensava na possibilidade de uma vida longa para você, mesmo com tantas limitações por causa da doença. Chegamos a conversar sobre isso algumas vezes, fazendo aquele exercício de reflexão sobre os conceitos de velhice sadia ou não, construídos pela própria vida sem que saibamos os fundamentos.

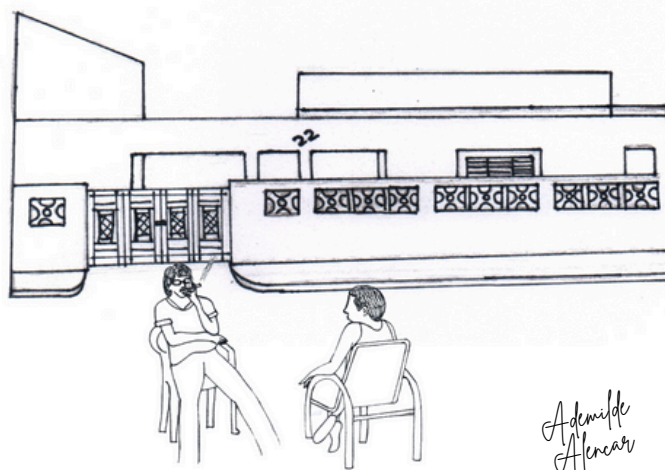
Mesmo com tantas limitações materiais e físicas você construiu seu percurso de vida, levantou sua morada, cuidou de gente, educou, politizou, doutrinou, divertiu, defendeu suas convicções, ajudou e amou, tudo numa relação virtuosa com todos que desfrutaram de tua companhia e amizade, pois mesmo que você já não recebesse quase ninguém por causa da doença, eu sabia que as pessoas te compreendiam e admiravam sempre, aceitando os ditames do que a natureza

impunha e torcendo sempre pela sua recuperação.

Você não foi só o homem João César, não foi só o professor, escritor, contista, piadista, chargista, musicista (baterista de primeira, o que poucos sabem!) amante dos livros e das artes, e tantas outras coisas que não sei nem definir simplesmente porque nem lembro mais, porque você sabia de tudo e teorizava sobre todas as coisas da vida. Viver de nos ensinar era o seu barato, e tentativas de mudar o seu pensamento sobre muitas coisas da vida passavam longe da sua cabeça. Você pensava, falava, e pronto: todos aprendiam e, melhor, muitos discordavam, para sua alegria!

Sua vida, meu irmão, não foi só inovadora e marcante para a nossa família. Ela foi um legado, pois você nos ensinou tantas coisas de uma forma que ninguém o fez, nos legou exemplos da sublimidade dos gestos, que eu sempre percebi e nunca comentei, e por isso sempre te amei. Você fez tantas coisas por todos nós de uma forma que eu nunca vou esquecer. Você nos deu exemplos não só nos tempos alegres, mas também numa sequência de vida com sofrimentos, decepções, tristezas, melancolias. E como aprendemos com você com tudo isso!

O resultado hoje desse aprendizado é o que falamos para os filhos e netos – sim, você terá mais sobrinhos-netos em breve, meu irmão. E todos sempre saberemos que você não é só o nosso ídolo, mas é também nossa referência. Sinto muitas saudades, meu irmão. Te amo para sempre! Do teu maninho Macedinho.



Xico Alexandre

Lembro vagamente de ter conhecido o amigo João César, não exatamente em que circunstâncias, no início de 1973. Fazia pouco tempo que o pai dele, Cícero Martins de Macedo, o “seu Ciço”, havia se mudado com a família para a Rua do Pernambuquinho, como é chamada a Rua Coronel Maurício Freire. Haviam comprado a casa onde funcionava a antiga bodega de “seu Zé Araújo”. Como a família tinha uma bodega na Rua da Cruz, continuaram o negócio, na rua onde praticamente nasci e vivi até meus vinte e poucos anos. Meu avô tinha uma tradicional “conta” em seu Zé Araújo para comprar fiado, numa época em que não existiam cartões de crédito nem muito menos PIX. Com a mudança de dono da bodega, ficamos um tempo sem crédito.

Certo dia fui comprar alguma coisa na bodega e carregava um livro de famosa escritora inglesa. Foi a primeira vez que conversamos. Dali nasceu uma amizade que perdurou até a triste e precoce partida do amigo. Logo depois passei a conhecer os irmãos de João: Cícero Filho, nosso amigo Macedinho, hoje Juiz, Marcos e o saudoso Marcelo, além da irmã Brígida. Claro, nesta jornada de conhecimento familiar, fui acolhido pela cativante Dona Erenice, mãe de João César e irmãos (tempos depois conheci o o irmão mais

velho, Gileno, falecido, que chegou a ser meu colega docente na UFRN). Passei a ser quase um membro da família. Pelo menos, assim me sentia. Costumo dizer que tiver muitas mães adotivas em Macaíba, e certamente D. Erenice foi uma delas.

A partir do nosso primeiro contato, por causa de um livro, tornamo-nos cúmplices em leituras: gibis, livrinhos de bolso, livros de ficção, livros de história. Líamos muito e praticamente tudo o que um lia, emprestava ao outro. Em certo momento, houve uma pequena bifurcação. Interessei-me mais por livros de ciências físicas e de matemática, sem deixar os outros de lado, enquanto o João César mergulhou fundo em leituras de filosofia, sociologia e afins. Filosofia era uma paixão comum, porém eu não conseguia acompanhar o ritmo do amigo João: quando eu concluía a leitura de um livro, ele já queria conversar sobre outros três que tinha acabado de ler!

Outro ponto em comum é que compartilhávamos uma preocupação com as injustiças sociais. É preciso lembrar que nesta época, em que éramos adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, o Brasil estava no auge da ditadura militar. Não havia liberdade de expressão. Tínhamos nossas fontes de acesso a escritos proscritos, impedidos de circular livremente, como eram os livros profanos nos tempos da Inquisição.

Ainda assim, ousamos desafiar o sistema. Começamos a escrever pequenos textos, muitos deles dentro da nossa visão marxista da sociedade, e distribuir com outros amigos.

Nesta época havia forte pressão pelo final do regime militar e a volta da democracia. Surgia no horizonte a possibilidade de existirem novos partidos. Até então, todas as forças progressistas estavam aglutinadas dentro do MDB, um dos dois partidos, junto com a ARENA, autorizados a existirem de acordo com a ditadura, que pretendia com isso vender ao mundo uma imagem de “Democracia”. O MDB era uma verdadeira salada de coexistência: havia liberais, conservadores, socialistas, comunistas etc. E dentro dessas linhas, suas subdivisões. Foi neste caldo cultural que surgiu a ideia do Partido dos Trabalhadores, com um partido de esquerda representando a luta de classes no Brasil.

Em Macaíba, essa ideia começou a tomar forma com a participação de Romeu Augusto, professor de Geografia, e de Gunther Lira, professor de Matemática e operário da indústria têxtil. Descobrimos que havia um trabalho no campo, na zona rural a partir de Riacho do Sangue, liderado pelo agricultor Cesário Batista. Com isso, ficou “mais fácil” formarmos um grupo coeso e com isso partimos para a criação do Partido dos Trabalhadores na cidade. Paralelo a isso, percebíamos que era preciso levar nossas ideias e ideais mais além e que seria importante ter um veículo de comunicação.

Assim, do mesmo grupo surgiu a proposta do FOLHETIM. Era em boa parte inspirado no Pasquim, embora não tivéssemos, assumo a minha parte, a estatura político-intelectual dos autores do famoso pasquim. Ainda assim, eu diria que dava para o gasto. Os textos eram de várias orientações e natureza: sérios, irônicos, provocadores (ao pensamento!), e coisas assim. Surtiu efeito. Cada um preparava sua contribuição, considerando os cenários locais, de Macaíba, do estado e do Brasil. Às vezes, atrevidamente, alguma coisa do panorama mundial.

Na época era bastante difícil saber o que se passava no exterior. Somente as mídias alinhadas ao regime militar tinham suas publicações liberadas. Havia o velho e bom rádio, onde corriam algumas notícias (continuo achando, em plena época de IA, Internet e tals, o rádio como um grande canal de comunicação para massas). Feito o filtro, sem censura, que poderia ser publicado, ficava a cargo do João e do Romeu a diagramação. Não vou entrar nos detalhes de como era feita a impressão – tem coisas impublicáveis, sem ofender a quem quer que seja.

No sábado, lá estava o Folhetim circulando pela feira. Algumas pessoas compravam com receio,

pedir que a gente não espalhasse que tinha comprado. Outras compravam mais de uma cópia, para distribuir com amigos. Os textos irônicos, satíricos, de maior sucesso era invariavelmente escritos por João César.

Em 1984, parti de Macaíba para São Paulo. O grupo, já acrescido de outros, como Chagas que antes era contrário às nossas iniciativas, continuou o trabalho, tanto para o PT, quanto para o Folhetim. Continuei colaborando à distância. João César tinha me alçado ao posto de Correspondente.

Para manter essa colaboração, geralmente usávamos o telefone. Se havia texto na jogada, a gente trocava para cartas. Nessas conversas, surgiu um fato que considero muito importante a visão e compromisso de João César com a democracia e a boa política (ainda existe?). Até então o PT tinha regras muito rígidas sobre novos filiados, a fim de evitar infiltrados e interesseiros, ou fisiológicos.

Começaram a surgir interessados em fazer parte do PT de Macaíba. Tivemos longas conversas, ao telefone, sobre isso. De um lado vinha o Professor João Marques, de outro vinham o Professor José Luiz, Urbano, Jacinto, o contador, Leto, e mais alguns. Uns estiveram um tempo ligados a Valério Mesquita e Odiléia Costa, e outros ao MDB. Em princípio, seriam aceitos no PT na condição de passar por um período probatório – filiados, com direitos reduzidos. Decidimos, juntos e depois de ouvir outros companheiros, que seriam aceitos, bem-vindos ao PT, sem mais restrições. Isto levou o PT a outro patamar. Nosso “muro de Berlim” havia caído: a Democracia retornou ao país, e por que não ao PT macaibense? Afinal, a submersa província estava dando exemplo ao PT potiguar e, por que não, ao PT nacional.

O crescimento do PT, sem relação de causa e efeito, em Macaíba, acabou levando ao fim do Folhetim. Por um bom tempo. E de certo modo passei a interagir menos com o João César, por força das circunstâncias.

Retornando a Natal como Professor da UFRN, passei a visitar regularmente o amigo, em Macaíba. João César já era um professor famoso em nossa cidade, admirado por seus alunos e ex-alunos. Foi um período breve que não recordo muito, pois estava empenhado em minhas atividades na universidade e terminei indo passar uma temporada no exterior – estava acertado de ir para França, mas terminei indo para os Estados Unidos. Na volta, retomamos contato e regularmente eu o visitava. João era avesso a visitar amigos fora de Macaíba.

Conversando com amigos, incluindo o Macedinho, destaquei a analogia entre Kant e João, que muito conhecia a obra do grande filósofo alemão: o cara que conheceu e compreendeu parte do mundo, sem nunca ter deixado sua província querida. Nestas conversas,

fui conhecendo alguns novos amigos, em termos de idade, muitos deles uma ou duas gerações mais jovens que a nossa. Entre esses jovens, alguns queriam retomar o FOLHETIM. Foi o que aconteceu, agora com a contribuição de diversos colaboradores, entre eles o Rômulo Estanrley como cartunista, e a Professora Alcina Maria. A volta do Folhetim foi muito esperada e novamente foi um sucesso. Mas alguns cartuns chamaram a atenção de muitos, sobretudo de pessoas ligadas à Igreja Católica. Como os tempos eram outros, e nossas atividades tomando muito tempo, isso possivelmente foi o que levou ao encerramento definitivo do FOLHETIM.

O João era muito compreensivo, quando entendia que o bem comum estava acima de interesses pessoais. Assim, recebi muito apoio dele quando decidi sair de vez do PT em março de 2003, em um processo que vinha acontecendo desde as prévias eleitorais de 2002. Eu apoiava o Eduardo Suplicy, nas prévias internas do partido, que chegou a vir à Macaíba. A ampla maioria do PT macaibense apoiava Lula. Essa minha posição não agradou a muitos e repercutiu em Natal, junto aos que chamo de prima-dona do PT potiguar.

Lula venceu as prévias e depois as eleições. Cada sugestão minha para o PT, em Macaíba ou Natal, era veementemente refutada – uma delas foi a criação de uma associação de catadores de recicláveis em Macaíba, hoje um destaque no terceiro mandato de Lula. Quanta ironia! Para encurtar esta parte, chegou 2005 e fui convidado pelo Geraldo Melo a me filiar no PSDB e ter espaço para ser candidato. Foi a gota d'água para o afastamento completo dos “amigos” petistas, em Macaíba e no âmbito da UFRN. Mas não do João César. Sabendo que o importante é ter

princípios, e que havia mais convergência nesses princípios entre nossas visões de mundo (nem sempre concordávamos, é natural), ele apoiou minha decisão e, posteriormente, minha candidatura a deputado federal, pelo PSDB. Infelizmente, pouco depois deste período ele passou a sentir os primeiros sinais, mais forte eu diria, de saúde. Com a mudança de residência, passou a ficar um pouco mais isolado dos amigos, dedicando-se a cuidar da mãe. A partir desta época, passaram a morar praticamente os dois, ele e a mãe. Na medida que a situação foi evoluindo, era ele cuidando da mãe, e sua companheira Ademilde, filha do meu grande amigo José Amaro, passou a ajudá-lo, na verdade cuidando dele também. Após o falecimento de Dona Erenice, João passa a ficar ainda mais recluso. Poucas vezes o visitei neste período. Até sua, para mim, inesperada partida.

João César deixa um legado de formação de jovens alunos, principalmente daqueles que o procuravam no pós-aulas. Era sempre receptivo, em sua casa, a visitas de quem o procurava para “beber um pouco de sabedoria”, aquela “sabedoria” tão bem descrita por Borges, o escritor argentino. Isso foi, notei, muito motivador para estudantes que precisavam de uma orientação, de um Mestre, independente de classe social. Muitos oriundos de famílias menos favorecidas economicamente acabaram tendo o João César como inspiração e, através de estudos e esforços próprios, seguiram em frente, cresceram e se destacaram em seus campos, em suas áreas de atuação. É isso que faz um bom Mestre. Registro, assim, minha enorme gratidão e apreço pela amizade que pude desfrutar do companheiro Professor João César Mafra de Macedo. Viva para sempre, amigo!

Ermelina Palhares

João César morreu! Foi assim que, na manhã do dia 20 de maio, fui comunicada pelo WhatsApp, que ele nos deixara. E agora, escrevendo sobre ele para homenageá-lo, sinto-me como bordadeira, traçando um bordado das histórias sobre sua existência, a ser coberto com linhas e cores.

João César, como bom sociólogo, via nas relações temas importantes a serem questionados. E para isso utilizava o poder da escrita. Este escrito tem por objetivo registrar aspectos da história do professor João César, que já não se encontra em nosso meio, mas continua presente pela força de nossas memórias, marcadas pelos momentos de luta histórica. Este registro, este bordado, é uma homenagem, em reconhecimento de sua prática didática, e de sua forma de ver o mundo no qual viveu.

Bordado feito pelas memórias. Quando de repente nos distanciamos, por razões do movimento de nossas vidas, as memórias nos aproximam e vão bordando nossas histórias. E, quando as linhas do ciclo da Vida do Corpo se fecham, são as memórias que nos trazem risos e podem também trazer lágrimas. Pode esse movimento ser chamado de saudade. E quando os vivos se encontram rememoram as histórias bordadas.

E, assim, eu tomo de empréstimo falas, pensamentos e ideias, para que possamos reviver e registrar parte do bordado do Professor João César. Inteligente e conhecedor das ideias que sustentam as relações sociais, conhecimento indispensável para uma boa prática didática. Sabiamente articulava em sua prática docente o humor e a seriedade da ciência, para

conseguir o desafio da concentração dos alunos em sala de aula.

Me reporto ao tempo cronológico e me lembro de João César, aluno da Escola Estadual Professor Paulo Nobre. De alta estatura, destacava-se no meio dos demais adolescentes, colegas de turma. Essa característica é um indicador que me faz lembrá-lo nesta fase indo ou voltando da escola. Calça azul e camisa branca era o uniforme da escola. Usava óculos fundo de garrafa e gostava do cabelo longo.

Pois bem, seguindo o tempo cronológico, encontro-o como um dos produtores do “Folhetim”. Um jornal pautado no pensamento crítico. Muito depois, volto a encontrar João César, e o convido para dar aulas de geografia no Centro Educacional Imaculada Conceição. Ora, fora um desafio. Tratava-se de um professor com um olhar “avesso” aos objetivos de “escolas privadas”. Mas diante de meu desejo de criar uma escola de prática progressista – focada no ensino crítico e não no lucro financeiro, como se faz em algumas práticas pedagógicas – ele aceitou minha proposta.

Desse modo, compartilhando esse meu desejo e sonho de uma escola que ensinasse a pensar, João César sabiamente criava o interesse de seus alunos adolescentes pela disciplina que lecionava já desde o primeiro dia de aula, articulando com leveza o humor e rigor os temas que objetivava abordar em sala. E mesmo que aparecesse um ou outro daqueles estudantes desafiadores (coisa que nunca nos faltará), a habilidade do professor João César de contornar a situação era sempre o diferencial.

Ele fazia a articulação perfeita sem perder a classe, reafirmando sua competência profissional. Seu humor era o tempero de sua relação profissional com os alunos. O que podemos comprovar com os relatos de alguns de seus alunos/as naquele ano de 1999, como Samara Almeida, Felipe Palhares, Maria Helena Araújo, Ademilde Alencar e Anna Carmem Mendonça.

De acordo com Samara, a primeira impressão que teve de João César ao vê-lo pela primeira vez foi de que seria um professor sério, mas logo essa impressão foi desfeita quando ele se apresentou e demonstrou “o professor maravilhoso que seria”. Ele fazia muitas brincadeiras, como quando “jogou o apagador no lixo para quebrar o gelo naquele primeiro dia”.

Felipe relembra que ele era um professor divertido e que conseguia manter a atenção dos alunos durante toda a aula. “Eu lembro que no primeiro dia de aula ele se apresentou dizendo que seu nome era João César, mas não gostava que o chamassem de César. Logo em seguida eu falei: tá bom, César! Ele me olhou e disse: rapaz, você é gaiato, né! Os meninos disseram, mas ele é o filho da responsável da escola. Então ele respondeu: ah! Então você pode me chamar de César”.

No campo das ideias, comparo enormemente João César a pensadores como Paulo Freire e Rubem Alves,

que tinham a mesma percepção sobre escolas no sentido de que não fossem gaiolas. Escolas que fossem feitas por gente e para gente. O que fica evidente em falas como a de Maria Helena. “Ele realmente nos via como pessoas em nossa individualidade e respeitava ela. Parece banal, mas ter um adulto que nos ouvia e nos incentivava como pessoas a buscar mais conhecimento, a pensar fora da caixinha, foi um divisor de água para formar em mim um senso crítico”.

Para além disso, a prática didática do João César professor rompia com o tradicionalismo e possuía o ingrediente necessário para contagiar a juventude em salas com carteiras enfileiradas. A ruptura com o formato tradicional de relação professor-aluno-professor se reafirma no dizer de ex-alunas como Ademilde, que destaca a capacidade que ele tinha como professor de manter a atenção dos alunos na aula e fazer com que prestassem atenção e até mesmo passassem a gostar da matéria quando antes não gostavam. “Para isso ele usava o humor de uma forma muito natural. Bastava começar a fazer uma brincadeira que a turma toda se rendia a ele”.

Nessa mesma perspectiva é que Anna Carmem destaca, dentre as boas memórias que carrega de suas aulas, novamente seu humor e sabedoria. “Quando alguém precisava entrar na sala para dar algum recado e precisava atrapalhar a aula, ele era super cordial e educado. Mas quando a pessoa saía, ele fazia bolinhos de papel e jogava na porta. Ele também fazia bolinhos de papel, quando alguém se distraía. Então, ninguém queria levar bolinhos de papel na cabeça porque ele acertava viu!? Aquilo era divertido. Ninguém queria levar bolinho de papel na cabeça (risos) e a gente ficava atento na aula. Se não me engano as aulas dele eram nas quintas-feiras, nos dois horários, que passavam muito rápido”.

São registros que reafirmam o perfil do grande professor que fora. São reafirmações de uma prática didática provocadora. Uma prática didática fomentadora para a aprendizagem. O sentido indispensável dado aos conteúdos para compreender a vida e a relação com o mundo. Um ensino para criar asas nos alunos e possibilitar a eles a capacidade para conhecer através das leituras o mundo no qual vivem sem entediá-los.

Não sei se o professor João César compartilhou com os companheiros professores sobre esse seu olhar para com os alunos. Também não sei se ele ficara sabendo desse olhar, dos alunos para com ele. Mas, a meu ver, estes relatos muito nos ajudam. Nos ajudam a ver os alunos como pessoas, ou seja, com sentimentos, com carências e com desejos. São ensinamentos para todo e qualquer professor que se disponha a ver em sua prática, a grande possibilidade de ver a sala de aula e a escola, como lugares indispensáveis à vida social e

individual.

Como bem disse Ana Carmem, não foi difícil falar sobre João César. Mas, tive que pescar ideias, concepções de alunos e alunas privilegiados por ter vivido, experienciado, experimentado o que aqui narramos sobre a relação professor-aluno-professor. São fragmentos repassados com entusiasmo e orgulho em ter tido esse grande mestre em suas vidas escolares.

A escrita nos presenteia com a possibilidade de deixar para a posteridade, nossas marcas neste planeta Terra, a transmissão do conhecimento que nos antecede e o registro do conhecimento construído e vivenciado. E sobre o ato de escrever, você, João César, encontrava nas relações sociais o mote para anunciar e denunciar. Por vezes, lhe rendeu até processos.

Diante teu corpo sereno, que antes havia uma força, rapidamente olhei, vi a simplicidade de quem era tão sábio, tão inteligente. Pensei e falei como se estivesse ainda nos ouvindo: farás muita falta à educação

escolar. Correu-me lágrimas, mas também sorri, imaginando o que me dirias. E foi naquele momento, que ao lado das outrora alunas, percebi que seria importante registrar as memórias que elas guardaram. Foi o que fiz. Recorri às memórias de alguns de seus alunos. Recorri com a intenção de articular o seu humor representado nas palavras dos alunos, dando leveza a este escrito, pois as concepções de adolescentes de outrora trazem um misto de seriedade regada ao humor. Seu sábio humor. O que torna o texto bastante significativo, tornando público como era a relação professor-aluno-professor. Um escrito a várias mãos, as concepções que renderam lágrimas e sorrisos de alguns, em meio a saudade durante seu velório.

O Professor João César Mafra de Macedo estará em nossas memórias e deixa seu legado para a educação escolar. Especialmente na escola pública, na qual dedicou parte de sua vida.

Chagas Silva

Pois é...nosso amigo se foi...

Falar de João César não é muito difícil para quem o conheceu desde tenra idade. Suas idiossincrasias, seu posicionamento político-ideológico, seus relacionamentos interpessoais, isto é, uma miríade de aspectos de um ser tão singular.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que ele era um sujeito muito simples com hábitos corriqueiros e que escolhia para amigos pessoas igualmente simplórias pelo menos no que se refere a posses. Dos endinheirados, afastava-se. Quem não se lembra do querido João Melé, Alfredinho e sem esquecer aquele que prestava serviço à família chamado Daniel, que ele carinhosamente o chamava de “seu dotô”.

Ideologicamente era muito firme, formado em sociologia, mas com vasto domínio em outras áreas, possuía forte conhecimento a respeito das doutrinas marxistas, aquelas doutrinas que levavam para o caminho de uma sociedade com menos desigualdades sociais e com maior distribuição de renda. Era um socialista convicto e que fez dessa convicção um modo de ação revolucionária. Revolucionária sim!!! Embora nascido em família de classe média, nunca se rendeu aos encantos de sereia das elites por onde passou, nos colégios, na universidade e na sociedade em geral.

Um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores na cidade de Macaíba, reiterando sua ideologia esquerdista, foi até candidato a vereador por essa agremiação partidária. É preciso destacar um aspecto do seu caráter que perpassa por toda a sua vida: seu

modo satírico de viver as coisas do mundo. Lembro-me que quando foi candidato, vivendo a realidade de um pequeno partido de esquerda, tendo que lidar com escassez extrema de recursos, impossibilitado, portanto, de se fazer uma campanha de massas como pretendiam as lideranças, com carros de som, concentrações de pessoas, passeatas, enfim, um modo de se chegar ao eleitor com mais eficácia, João encontrou certa vez um popular no período pós eleitoral que o abordou com a seguinte expressão: “Professor, votei no senhor!” e de pronto, ele respondeu: “ah, então foi você”. Em plena campanha eleitoral, um outro eleitor o encontrou e perguntou: Professor, o senhor é candidato? Daí veio a resposta satírica: “sou, mas não espalha!!!! A bem da verdade, João nunca foi um militante muito orgânico no partido, reconhecia a importância de se construir uma alternativa política à disposição dos trabalhadores, mas não se dispunha a colocar a mão na massa, não por desleixo, mas por considerar que havia alguém mais disposto para fazê-lo.

Sempre exerceu o magistério para ganhar a vida. Amava aquilo que fazia, sua capacidade intelectual não cabia nos colégios que lecionou. Mas sempre encarou os desafios que lhe surgiam. Dizia que professor secundário ganhava tão mal que estava vendendo o almoço para comprar o jantar. A falta de oportunidades e sua vocação para viver em casa perto de sua querida mãe e longe de quem não gostava, não permitiu maiores voos acadêmicos, quicá até uma

cadeira de professor doutor de uma universidade não lhe ficasse mal. Lecionou também filosofia no Doutor Severiano por cuja instituição nutria tanta paixão.

Morou muitos anos ao lado da igreja Matriz de Macaíba. Aos domingos reunia uma corriola de amigos para bater papo, dar uma olhadela nas ninfetas que vinham às missas e até entabulava conversas acadêmicas sérias a respeito de um filósofo ou outro intelectual que estivesse em moda na época. Certa vez um desses parceiros puxou a conversa sobre um desses deveras desconhecido do meio dos presentes, além de ele próprio. O sujeito assim perguntou: “você conhece Kutalaia”? ele prontamente respondeu? “Talaia, não.”

Possuía também uma vertente de apreciar as artes literárias. Foi fundador de um “jornalzinho” denominado de Folhetim cuja linha editorial era, digamos, político-satírico. Desafiador, pois se vivia ainda os ares de uma ditadura longeva, embora já dando claros sinais de sua derrocada. Foi um pasquim que fez história nas terras de pisa-na-fulô. Cunhou termos que até hoje são reconhecidos na cidade, tais como: Rita Minha fia, Fátima Giro-Giro e a história satírica do empregado empregador e a paixão de cristo encenada no Distrito de Traíras. Essa última é de se mijar de rir.

À guisa de conclusão, não se sabe a que dores físicas e psicológicas estava submetido nosso amigo, mas o fato é que na nossa memória estará aquela figura que lutou até o final por aquilo que acreditava e que amou a vida com seus vícios, dores e prazeres. Dos amigos não esperava choros ou lamentos porque sabia que “the show must go on”.



Vera Anjos

Meus ouvidos se alegraram quando você disse que queria visitar a Escola Dr. Severiano, palco de grande serventia da sua parte em transformar pensamentos. Liguei imediatamente para a direção, eu tinha pressa para esse dia chegar. Não sabia exatamente porque tinha pressa, só sabia que tinha. Me organizei com Ademilde e esperamos o dia. A biblioteca foi o cantinho que te recebeu. Em meio a tantos livros, nós recordamos histórias vividas ali. O brilho no seu olho nos enchia de esperança do seu retorno. Sim, pensei: ele está voltando. E com ele vinham tantas

recordações do seu coração bondoso, do seu olhar crítico sobre os problemas sociais, da sua capacidade de inspirar. Foi mágico aquele pedacinho da tarde. Sei que para você, João César, aquele momento também foi especial. Dias depois você se foi, então entendi a minha pressa. Comigo ficou a alegria de ter conseguido realizar um desejo seu. Você merecia uma homenagem grandiosa, como é o seu nome, intelecto e coração. Porém, foi algo simples, mas muito verdadeiro como você. Sua visita ficará marcada na história da nossa escola e nas nossas também.

Heloísa Helena Cavalcante

Não existiria o que eu sou hoje se João César não tivesse feito parte da minha vida. Não existiriam as minhas leituras, não existiria a minha intelectualidade, a minha insistência em estudar Ciências Sociais. Não haveria uma parte muito importante de mim se eu não tivesse conhecido esse homem, por isso meu luto chega a se misturar com uma crise de identidade. Se ele não tivesse me adotado intelectualmente e não tivesse me ensinado a estudar,

a ler, se ele não tivesse me apresentado grandes obras e grandes autores, e não tivesse me mostrado na prática que ser de esquerda é mais que um posicionamento político, é um posicionamento diante da vida, a parte de mim da qual mais me orgulho não existiria.

João, onde eu estiver levarei seu nome.

Obrigada por tudo!

Rosemary Feitosa

O dia sete de maio vai ficar gravado em minha memória. Depois de tanto tempo, tu expressaste o desejo de nos visitar. Era terça-feira, tarde radiante outonal. A expectativa da tua visita nos esperançava que dias melhores viriam. Era como se fosse o reinício de uma vida que havia ficado por algum tempo em standby.

A alegria de te ver fez meu coração ficar em festa. Depois de tanto sem nos ver, tu paraste em frente à minha sala e dirigiu o seu olhar para mim. Te pedi um abraço. Que me foi concedido. Um abraço apertado! Tu me olhaste meio enigmático, como se estivesse lembrando de outrora. Por um momento, achei que não estavas se lembrando de mim e te perguntei: Não sabes quem eu sou? Mas, eis que a tua voz soou plácida, calma, quase zen: - É Rose! Então, tu ainda estavas ali, conosco. Rememoramos momentos vividos e ventilamos a possibilidade de outros. De nos encontrar, para matar a saudade do tempo distante entre nós. O teu semblante sereno nos ouvia calado em estesia, bebendo a conta gotas, cada palavra dita por nós. Naquele dia, foi conjugado o verbo esperançar.

Contudo, não sabíamos que tu vieste se despedir. Que a tua viagem já tinha passagem comprada só de ida. E hoje, depois de oito dias do nosso bate-papo, tu viaviajaste. tu que foste um grande amigo, um amor. Como nunca se sabe nada do lado de lá, esperamos que um dia nós possamos nos encontrar, além do horizonte. Boa viagem! Tenho certeza de que serás bem-recepcionado do outro lado por quem tu mais amaste no plano terreno. Dona Erenice te espera ansiosa pela tua chegada, como ela fazia todas as noites. Ficava sentada em sua cadeira, na frente de casa, esperando tua volta da escola. Lembranças a ela! Espero que tu divagues muito! Trave muitos papos filosóficos com Sócrates, Platão, Aristóteles, Marx, Weber e entre outros filósofos. Tu vais ficar na memória de todos que te ouviram filosofar. A tua sapiência deixa um vácuo na história macaibense. Eu sou a tua eterna fã. Uma guardiã de tuas memórias, da tua história. Reitero: como nunca se sabe nada do lado de lá, esperamos que um dia nós possamos nos encontrar, além do horizonte. Boa viagem, João! Estarás sempre em meu coração!

Gunther Lira

João César Mafra de Macêdo, esquina da Rua da Cruz com a Rua Governador Dinarte Mariz, uma mercearia simples como qualquer outra do ramo. Família recém chegada a Macaíba, onde conheci Milton Mafra, colega de sala de aula, quando éramos alunos do então Ginásio, hoje Escola Estadual Professor Paulo Nobre. Sempre passava na mercearia para fazer meus deveres de casa juntamente com Milton Mafra, e foi aí que conheci João César Mafra de Macêdo, jovem disciplinado e estudioso já trabalhando no atendimento aos clientes.

Logo cedo percebemos que João César era diferenciado. Nessa época ainda não tinha muita amizade com ele, o que aconteceu depois que se mudaram para a Rua Coronel Maurício Freire (tradicional Rua do Pernambuquinho), e começamos uma amizade mais aproximada.

Quando me acidentei, fiquei um período pela perícia, mas por um tempo sem receber nenhum centavo, foi quando passei por dificuldade financeira tendo que comprar fiado na bodega da família dele, no entanto, quando recebi todo o atrasado, a minha situação voltou ao normal. A partir dessa data, tivemos uma maior aproximação.

Lembro-me ainda da sua grande irreverência: Quando perguntavam pra ele de que eu jogava, no

time de futebol, ele imediatamente respondia: “Gunther joga de teimoso”. Em outra oportunidade estávamos reunidos em sua casa quando parou um carrocarro e duas pessoas perguntaram se era ali que morava o cantor Macedinho e novamente de pronto ele disse: “na verdade ele mora aqui, mas que ele é cantor tô sabendo agora”.

João César era um ser humano extraordinário, de muito conhecimento e muitas qualidades. Foi aluno do Colégio Salesiano e UFRN, como professor foi um grande mestre e amava muito o que fazia. Como amigo, devo grande parte do pouco que aprendi. Ele costumava me indicar livros de diversos autores e tudo aquilo que ele achava que era necessário para o meu crescimento moral e profissional.

Com o passar do tempo e a inquietação com os problemas sociais (pelo que entendo) é que foi nascendo a ideia entre um grupo de jovens macaibenses de se criar um instrumento de luta que pudesse servir de meio de comunicação entre os trabalhadores. Na minha opinião, foi a partir daí que começou a se concatenar e ganhar forma o nosso FOLHETIM. Começo de uma história de luta com reação da classe política de Macaíba, incluindo perseguições, intolerância, truculência, entre outras coisas.

O grupo que editava esse periódico era formado, inicialmente, por: João César, Romeu, Xico, Chagas e eu. Depois de uma pausa, o Folhetim foi retomado com a participação de novos colaboradores entre os quais Rômulo e Alcina.

No começo tudo era muito difícil para elaborar uma edição desse jornalzinho, cada membro confeccionava seu texto e mandava para o editor que por sua vez compilava, diagramava e fazia a arte para depois passar para um stencil eletrônico e posteriormente rodado num mimeógrafo. Quando ficava pronto, nos reuníamos em nossas casas em forma de mutirão para em seguida passarmos para a última etapa que era procurar os clientes, atividade muito difícil, pois os perseguidores se organizavam para comprar todos e não deixar chegar no destino devido, que eram os trabalhadores.

A matéria que mais se destacava era "Dai a César o que é de César", fruto da criatividade, competência e de muito conhecimento do agora saudoso amigo João César.

Romeu Bezerra

Lá se iam os anos 1980 e nós jovens estudantes universitários, numa Macaíba que tinha pouco mais de 30 mil habitantes, ainda um lugar "distante" da capital, Natal. Era a cidade onde se andava a pé de uma ponta a outra. Onde todo mundo conhecia todo mundo.

Foi nos idos daqueles anos "feios", que este pequeno grupo de jovens estudantes, iniciantes da vida universitária e viventes do início do fim da Ditadura Militar, em contumazes encontros, nas praças ou nos bares, iniciam uma jornada político-cultural na terra de Auta de Souza.

No campo político, esses jovens se envolvem com a criação do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores, então em fundação em nível nacional. Se nacionalmente a liderança era do Lula, em Macaíba a liderança era do líder sindical rural Cesário Batista.

Os primeiros encontros ocorreram na rua onde mora, ainda hoje, Cesário. Embaixo de uma árvore ouvíamos o líder sindical e traçávamos ações e encaminhamentos para a fundação do PT em Macaíba. Foram muitas idas e vindas. Afinal, tínhamos que conseguir um certo número de fichas de filiações, para que assim pudéssemos realizar a convenção do partido, dando início às suas atividades políticas.

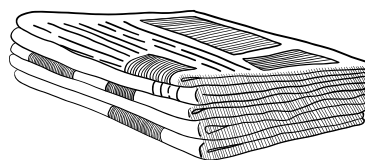
Criado o partido, vem seus primeiros embates políticos, suas primeiras campanhas e sua divulgação pela cidade, que se dava por pichações em muros e paredes. O que convenhamos não era lá muito bonito. Mas aquele era o momento. E dá-lhe PT pra todo lado.

O segundo momento, o cultural, foi pra mim o mais significativo e empolgante. Como uma demanda necessária, estes jovens resolvem criar um fanzine (publicação não profissional com o objetivo de compartilhar com outras pessoas aspectos diversos): O FOLHETIM.

Logo no início deste projeto um debate se estabeleceu: uns defendiam que O FOLHETIM deveria ser um "órgão" do partido. Portanto, se voltar apenas para as atividades e ações partidárias. Outros, já não lembro quem e quantos, defendiam ser algo mais aberto e envolvendo outras pessoas que não as vinculadas ao partido. Como muitas das coisas naquela época, a realidade se impôs e nos impôs uma abertura para que outras pessoas, não apenas participassem, como contribuíssem, digamos, "financeiramente". Não em dinheiro, mas em papel e stencil (1), materiais usados para produzir o fanzine. E lá fomos nós, esses jovens idealistas, produzir algo que nos seus melhores momentos teve uma tiragem de 2.000 exemplares.

E foi nesse momento de ápice d'O FOLHETIM que uma crônica do cotidiano se destacou, sendo o sábado com maior circulação do fanzine. Essa crônica fictícia abordava um fato em discussão na cidade e que só viria a se concretizar décadas depois. ratava-se do traslado dos restos mortais de Augusto Severo do Rio de Janeiro para Macaíba, fato recentemente concretizado. Na oportunidade, o governo municipal desejava criar um mausoléu para o ilustre macaibense. É aí que entra meu amigo e companheiro João César. Ele escreve um dos momentos mais bonitos de O FOLHETIM, quando escreve uma carta imaginária de um neto de Augusto Severo com o título O FÊMUR QUE VIROU BOTÃO. Com fina ironia, coisa que lhe era muito característica, em uma lauda criticava a tentativa de trazer para a cidade os restos mortais de Augusto Severo. Foi um momento de grande procura, o que projetou ainda mais o interesse pelo nosso fanzine.

João partiu e nós que aqui estamos temos um compromisso em manter acesa e viva sua memória. E para fazê-la estou empenhado, juntamente com outras pessoas muito queridas do João, em escrever e produzir um livro sobre este que foi um dos momentos culturais mais ricos da terra de Pisa na Fulô, a nossa Macaí(cu)ba. Isto é, produzir um livro sobre O FOLHETIM, o fanzine que agitou Macaíba lá pelos idos dos anos 1980 e do qual João César foi um dos seus melhores criadores.



Juliano Alcântara

Era 1999, ano que ingressei pela primeira vez na Escola Estadual Dr. Severiano, não fazia ideia do que iria conhecer, por volta dos 18 anos, vinha de uma experiência de vida não muito diferente das dos outros jovens.

Nasci numa família humilde e tradicional na cidade de Natal, capital de nosso Estado (RN), minha mãe era de formação católica e o meu pai tinha sofrido influências de formação evangélica (apesar de ter abandonado a igreja quando ainda era jovem, depois se tornando um boêmio). E por que estou dizendo isso? Simplesmente para que possam entender o contexto de onde vim.

Era um jovem começando a vida, desiludido com a questão da fé por questões filosóficas (embora não tivesse essa consciência naquela época) e pessoais, tinha deixado a igreja que fazia parte, por essas razões entre outras. Por isso estava naquela fase em que dizia para mim mesmo: Só quero aproveitar a vida!

Então me entreguei às festas, aos prazeres de Baco experimentando as sensações dionisiacas daquele tempo saudoso, todavia era jovem e inconsequente ao mesmo tempo. Tudo que eu queria era trabalhar e gastar o meu dinheiro com aquilo que mais me dava prazer: festas e vaquejadas, para ser mais específico.

Foi nesse cenário que adentrei pela primeira vez o Severiano (antes mesmo da grande reforma predial que houve naquele ano) e nas tardes letivas uma coisa me chamou a atenção: salas de aulas com notáveis risos e gargalhadas que ecoavam pelos corredores da escola. Ficava no mínimo curioso para saber quais eram os motivos.

Foi naquele ano que pela primeira vez ouvi falar “são as aulas do professor João César”. Imediatamente fiquei curioso para conhecer a figura. Um professor de verdade ou um humorista? um piadista talvez? Porém não foi naquele ano que o conheci, tive que me contentar para depois. Mas tudo bem era só curiosidade mesmo.

No ano seguinte, devido ao trabalho que arrumei, tive que mudar de escola e finalmente no ano de 2001 retornei para o Severiano, dessa vez indo estudar no turno noturno. Aí sim tornei-me aluno do tão famoso Professor João César Mafra de Macedo.

A essa altura eu já tinha ouvido falar dele, porém não tinha contato, mas foram nas aulas de história por ele que conheci a sapiência de sua pessoa, ministrando os seus conteúdos. Até que um dia ele falou a palavra mágica que despertou em mim um novo olhar pra vida: filosofia. Claro que já tinha ouvido essa palavra, quando tinha assistido aulas no

curso de teologia quando fazia parte de uma igreja evangélica. Porém, para mim tratava-se mais de uma visão muito tendenciosa à religião.

João César me fez ver a Filosofia de uma forma diferente. Acredito muito que me fez vê-la da forma como realmente ela é. Iniciando uma amizade que marcaria minha vida, foram tantas as conversas, tantos assuntos abordados, onde a somatória de todos esses momentos contribuíram para minha mudança de rumo.

Ele me apresentou os pré-socráticos, me falou de Sócrates, me fez viajar no mito da caverna de Platão. Também apresentou as contribuições do Immanuel Kant. Ainda recordo-me do seu filósofo principal: Karl Marx, mas, me dizia ele também que tinha o Nietzsche como o filósofo de sua cabeceira, além de referências como Feuerbach e Schopenhauer, que recheavam o seu repertório polifônico erudito.

Aliás, aprendi com ele o gosto pela literatura brasileira (principalmente as obras de Machado de Assis e João Cabral de Melo Neto, entre outros, que volta e meia ele mencionava) e pela poesia dos contadores e trovadores. João ia do lirismo popular ao mais alto grau da música erudita. Sempre valorizava os artistas da terra e as produções regionais, seu gosto pela música era algo indescritível (a percepção dos sons nas melodias que ele comentava com tanta propriedade, por exemplo). Conhecê-lo para mim sempre foi sinônimo de aprendizado.

Poderia citar inúmeros exemplos de experiências que vivi na presença dele ou citar inúmeras conversas e lições que aprendi com ele. Todavia, não me é oportuno aqui, pois me estenderia demais. Prefiro sucintamente fazer minhas considerações aqui.

Como dizia a pouco, eu era um jovem sem rumo na vida e sem perspectiva do que fazer dela. E é aqui onde está o milagre que a Educação pode operar. João César foi o instrumento usado por Deus (para quem acredita) que mudou o rumo de minha vida. Como? É bem simples! Quando a maioria não acreditava que eu era capaz, ele acreditou. Quando muitos diziam que eu não iria conseguir, ele me disse: você vai conseguir, pois eu sei que tens capacidade! E para minha sorte acreditei nas palavras do professor, deu certo e aqui estou.

Com muito orgulho leciono hoje na mesma escola que um dia ele lecionou, busco todos os dias contribuir com a educação do meu país e da cidade que me adotou (Macaíba). Tento dar aos meus educandos um pouquinho daquilo que o professor João César me deu um dia: respeito, dignidade humana, honra, ética humanitária e tantas outras qualidades através do

conhecimento.

Como disse, seu repertório de conhecimento era vastíssimo. Acredito que vai demorar um pouco para Macaíba produzir um intelectual que é um ser humano com tantas qualidades. Sentia a dor do outro, se indignava com a injustiça e tratava com sarcasmo quando via a injustiça tomando conta. Era combativo sempre. Destemido, não tinha medo de falar o que pensava. Mas o que mais eu admirava nele era a coragem de enfrentar os seus opositores ideológicos.

Dava a cara para bater, não se escondia e sempre que alguém perguntava ele dizia “fui eu que falei, fui eu que escrevi, eu assinei”. Coisa rara nos dias de hoje, num mundo onde as pessoas se escondem atrás de perfis em redes virtuais.

João César, professor e amigo, só me restam as palavras muito obrigado pelo que você fez! Vou carregar na memória até o fim dos meus dias aqui na Terra as suas lições e suas contribuições. Descanse em paz!

Rômulo Estânley

É impossível falar no jornal satírico FOLHETIM e não se lembrar da figura do professor João César Mafra de Macedo, o principal nome por trás do periódico. A sua essência era sentida em cada página lida. Embora eu só tenha participado na segunda fase desenhando as charges, digitando os textos e diagramando, era João César que dava o tom do jornal com a sua linha editorial irreverente. Formávamos uma grande dupla: ele utilizando seu olhar crítico ilimitado e eu, dando forma às suas ideias criativas. Tudo regado com uma boa dose de humor. Aprendi muito com meu amigo João César.

Certa vez, após termos decretado o fim da circulação do FOLHETIM, colaborei com uma charge para a revista Macaíba.com. Nela, o então prefeito Fernando Cunha Lima Bezerra, fantasiado de Papai Noel, com um enorme saco cheio de dinheiro com o nome “Fundef”, pisoteava um sofrido professor macaibense.

O trabalho chamou a atenção de muita gente. Tanto é que um amigo se dirigiu e me elogiou pela charge. “Rapaz, que charge criativa!”, disse, acrescentando que o meu traço era limpo e puro. Porém, quando eu juntava o meu traço com o texto de João César, se transformava numa “bomba atômica”. Eu achei engraçado na época e ainda acho hoje.

Para compreender melhor o contexto, se faz necessário relatar que o FOLHETIM circulou em Macaíba em duas fases distintas: na primeira metade dos anos de 1980 e na era 2000. O meu primeiro contato com João César se deu no início dos anos de 1980, quando Duda, meu pai, ainda mantinha uma mercearia-bar no antigo Centro Comercial do Conjunto Habitacional Alfredo Mesquita Filho (que depois foi desocupado para dar lugar à 4ª CIPM; e anos depois foi demolido).

Tocador de violão, Duda tinha muitos amigos que adoravam a música popular brasileira. Quase toda semana promovia serestas ou reuniões de amigos, que apresentavam seus talentos musicais naquelas ocasiões. Dentre eles, estava Cícero Martins de Macedo

Filho tocando bandolim, e seu irmão João César, que tocava uma espécie de tambor. Como eu tinha cerca de 10 anos de idade, não tive como me aproximar do meu futuro amigo. Com o passar dos anos, passei a observar a cena política de Macaíba de longe, sem me envolver. Foi quando me deparei com algumas edições originais do FOLHETIM, com seus textos e charges irreverentes. Mas nada do que fosse ligado a política me chamava atenção.

Na primeira fase, que durou de maio de 1983 a 1989, acredita-se que circularam cerca de 50 exemplares. O FOLHETIM era todo feito em estêncil por um grupo de jovens que havia fundado o Partido dos Trabalhadores em Macaíba. A princípio, o jornal era vinculado ao PT.

Porém, devido a participação de pessoas que tinham ligações com outras agremiações partidárias, a direção achou por bem expandir a linha editorial do jornal e se desvincular do PT (pelo menos foi o que eu fiquei sabendo). Muitos anos depois passei a planejar minha participação na política de Macaíba e resolvi me filiar ao PT, em 2003. Disposto a dar uma contribuição à sigla em Macaíba, pensei em reativar o FOLHETIM, acreditando que o extinto jornal era vinculado ao partido. Porém, o dirigente partidário João Marques Lino da Silva deu a seguinte resposta: “Não é com o PT que você irá conseguir uma autorização para colocar esse jornal em circulação novamente. Você deve procurar João César e os demais membros que criaram o jornal”. E assim fiz.

Eu poderia ter criado um jornal qualquer, que fizesse o mesmo que o FOLHETIM. Mas não. Eu estava determinado a reativar o jornal original para aproveitar o seu nome, que ainda era lembrado por muita gente em Macaíba e que havia marcado toda uma geração de macaibense. Eu queria um jornal irreverente, que divulgasse as notícias de uma forma satírica, engraçada, para fazer com que o macaibense risse da sua própria desgraça e despertasse uma consciência crítica para projetar a cidade para o futuro.

Ao descobrir que o Folhetim original havia sido lançado em 1983, percebi que o ano de 2003 seria perfeito para celebrar os 20 anos do informativo. O primeiro que procurei e expus minha ideia foi justamente o professor João César. E, na ocasião, ele disse que não dependia somente dele a decisão de reativar o FOLHETIM, e que eu precisaria procurar os demais. E assim foi feito. Porém, deixaram claro que só sairia aquela edição e que não teria outros números, pois os fundadores acreditavam que o FOLHETIM já havia tido a sua época.

Com o sinal verde dos fundadores, começamos a preparar a edição especial. Não deu outra: quando circulou a edição dessa nova fase, foi um sucesso estrondoso. Após isso, fiquei implorando para João César manter o jornal circulando, sempre escutando que os membros fundadores não aceitariam novas edições serem feitas. O saudoso “Big John” compreendeu e abraçou a minha ideia de manter o jornal – nem que fosse com outro nome. Então nós dois passamos a procurar possíveis nomes que se encaixassem no título de um jornal que iríamos fundar. De “Gato Preto” a “Ka-Bum”, tentamos de tudo. O fato é que fracassávamos na escolha de um nome convincente. E aquilo gerava desgaste.

De repente, “Big John” teve um insight e disse “quer saber? Vai ser o Folhetim mesmo!”. E assim surgiu uma parceria para levar o Folhetim adiante por mais um tempo (ao todo, foram 12 polêmicas edições – e uma décima terceira ficou na agulha!), abalando as estruturas da cidade. Os membros originais não quiseram participar por acharem que o jornal já tivesse dado a sua contribuição a Macaíba. Porém, outros colaboradores foram se somando ao projeto, como a professora Alcina Maria Bezerra Cabral, que também ajudava na digitação dos textos e colaborava com seus artigos a cada edição.

Talvez hoje, com as redes sociais, o FOLHETIM não tivesse o mesmo impacto que teve nas épocas em que foi lançado. Mas com o carisma e criatividade de João César, acredito que causaria a mesma repercussão de antes.

Vida longa ao FOLHETIM! Viva a memória de João César!

Ademilde Alencar

João César Mafra de Macedo foi realmente uma excelente escolha para nomear alguém tão singular e forte. Um nome composto para ele que adorava criar apelidos, fosse para demonstrar carinho (por meio de diminutivos), tirar sarro de alguns devido a situações engraçadas ou irritar outros com adjetivos nem tão bem recebidos assim pelos seus agraciados (duvido que Tomás no C. Sena, por exemplo, tenha sido

considerado um apelido afetuoso pelo ex-vereador de Macaíba). Mas o fato é que João César, como eu dizia, era aquela pessoa que se destacava e por isso que era singular. Suas escolhas de vida e profissionais sempre estiveram relacionadas diretamente aos seus ideais sociais e políticos, desde a escolha dos amigos até suas decisões profissionais e projetos pessoais, aos quais ele se dedicava com competência invejável. A escolha por Sociologia na graduação, a participação na fundação do Partido dos Trabalhadores em Macaíba, a criação do jornal Folhetim e sua decisão de tornar-se professor do ensino regular ao invés de seguir com a vida acadêmica, foram todas decisões pautadas em seu posicionamento esquerdista e declaradamente marxista. E foi uma dessas escolhas, a de lecionar, que ocasionou nosso encontro.

Eu tinha 12 anos quando vi João César pela primeira vez. Ele seria meu professor de geografia. Fiquei impressionada com tudo nele: sua forma de dar aula, seu domínio sobre os assuntos mais diversos, sua gentileza com todos e seu bom humor. Não demorou para que eu me apaixonasse por ele e felizmente tempos depois tive esse amor correspondido. Chocamos nossas famílias e uma cidade inteira pela diferença de idade, despertando comentários preocupados, maldosos e até cruéis. Mas a diferença de idade entre nós sempre foi um problema pra eles, não pra nós. O desejo de estarmos juntos e as afinidades que nos unia era o que realmente nos importava.

Com ele aprendi tanta coisa que nem seria capaz de listar porquê de certo modo é muito do que sou hoje. Só quem conheceu João César de perto sabe o quanto ele foi especial. Várias vezes presenciei sua generosidade com conhecidos, amigos e alunos que o procuravam por necessidade financeira, para aconselharem-se ou tirar dúvidas nos estudos de sociologia, história ou filosofia.

E se por um lado ele era de uma humanidade admirável – contradizendo aqueles que o julgavam por seu ateísmo – por outro, ele mostrava-se implacável com aqueles que julgava como desafetos ou inimigos, especialmente políticos. A esses, ele dedicava o peso de sua caneta e a acidez inteligente de sua fala. Se divertia com as provocações que fazia e até se orgulhava dos processos que recebia. Afinal, se incomodava ao ponto de ser processado, é porque estava conseguindo despertar em alguma medida o senso crítico em seus leitores, e conseqüentemente a ira de tais políticos.

Combater as injustiças sociais, dar aulas e cuidar da mãe eram, sem dúvida, as razões da vida dele. Mas aos poucos ele foi perdendo as forças para continuar a briga por uma sociedade mais justa e igualitária e passou a achar que já não valia mais a pena defender um povo que não se importava em ser manipulado e

explorado. Por isso e por divergências internas entre os membros do jornal é que ele resolveu encerrá-lo definitivamente. E sem João César não existe Folhetim. Dai a César o que é de César, não é mesmo?

O surgimento do Parkinson, por sua vez, o privou daquilo que lhe dava algum sentido de seguir, que era o trabalho de professor. Quando recebeu o diagnóstico da doença e já não conseguia dar aulas, ficou contente com a ideia de, ao menos, ser readaptado para as bibliotecas do município e da escola Dr. Severiano. Ele cumpria seu expediente rigorosamente e passou a assumir a tarefa de incentivar a leitura naqueles que procuravam a biblioteca por alguma razão. Muitas vezes me contava animado de determinados livros que encontrava por lá e em outras ocasiões se queixava da falta de interesse dos estudantes que não se preocupavam em fazer uma pesquisa bem feita ou em usufruir do acervo que tinham a sua disposição.

Todavia, o trabalho nas bibliotecas não durou muito pelas limitações físicas que se agravavam e em 2013 foi aposentado por invalidez. Como pesou esse termo pra ele. “Eu me tornei um inválido”, dizia. Me lembro de vê-lo pedir à médica do IPERN em sua última perícia que não o aposentasse. “Doutora, se eu for aposentado, eu morro de vez”. Mas era inevitável e ele sabia disso.

Por fim, em 2017, sua mãe faleceu. Nessa época, já estando com a saúde frágil, ele sentia-se de certo modo culpado por não ter conseguido cumprir a promessa pessoal de cuidar dela até sua morte. Não quis ir ao velório e me disse que preferia lembrar dela com vida. Além disso, não gostava de ir a enterros, e o único que ele havia ido fora o de “Ferramenta” (criminoso que foi morto na década de 1970 em Macaíba e teve seu corpo cruelmente arrastado, causando comoção e indignação em enorme parcela da população local), porque era de protesto, justificou-me.

Apesar de tudo, e mesmo que a doença já lhe tivesse tirado a capacidade de trabalhar, a de dar aula manteve-se. Em casa, qualquer pergunta, comentário ou dúvida, era motivo para uma longa explicação para mim, para as meninas que me ajudavam a cuidar dele ou para as demais profissionais que lhe atendiam.

Seu amor pelos livros e pelo conhecimento também não mudaram com o avanço da doença, mesmo com a disposição de ler e a capacidade de escrever afetadas. Nunca aceitou as propostas que eu lesse para ele ou escrevesse suas ideias. Mas às vezes me chamava para que eu pesquisasse determinada palavra ou pessoa, que repentinamente se lembrava e queria mais informações. E independente de qualquer coisa seus livros tinham que permanecer no quarto a sua vista. Semanas antes de sua morte tentei convencê-lo a me deixar levar os livros para a sala e assim tivesse mais espaço no quarto e rapidamente me disse “de jeito

nenhum. Meus livros não saem daqui”. E lá os livros permaneceram.

Sua biblioteca pessoal sempre foi seu orgulho e servia de “disputa” entre amigos e alunos que pediam para herdá-la. Livros de história, filosofia, literatura, sociologia, antropologia e o que mais lhe despertasse interesse. Seu cuidado era não apenas com o acervo, mas também com a manutenção dele. Quando mudamos de casa, em 2019, passei semanas embalando livros em saquinhos transparentes para mantê-los livres da poeira e organizados nas prateleiras. Tinham que estar na mesma ordem de antes. Eu dizia: “Você tem TOC”. Ele me olhava insatisfeito com meu comentário e respondia: “Nada disso. Isso é método, minha filha. Método!”.

Outra tarefa que me incumbiu relacionada aos livros após sua doença foi a de comprá-los. Quando começou a sentir maior cansaço pelas longas leituras e pelo peso dos livros, passou a me pedir obras de Agatha Christie. Logo minha missão passou a ser a de rastrear a coleção da autora e encontrar todas as histórias que tivessem como personagens Miss Marple e Hercule Poirot, seus preferidos. Então me tornei a Sherlock Holmes dos sebos e livrarias virtuais, comprando não menos do que cinquenta obras da autora. E essas foram as últimas leituras dele.

No geral, íamos tentando nos adaptar às suas limitações, às suas necessidades e à sua dificuldade em lidar com uma realidade tão dura. As brincadeiras, as séries policiais e alguns poucos programas de TV eram o que, em alguma medida, ajudava a minimizar seu sofrimento e ociosidade.

João César, que sempre manteve sua casa cheia de amigos e costumava conversar por horas com eles, já não tinha a mesma disponibilidade de antes. Ele passou a recusar visitas (mesmo sendo de pessoas queridas) e sua atitude nem sempre foi bem recebida. Acontece que ele, além de não ter mais disposição para longas conversas, tinha um enorme desconforto em ser visto pelas pessoas com a fragilidade física que agora apresentava. Por isso sou imensamente grata àqueles que foram capazes de aceitar sua reclusão de forma verdadeiramente compreensiva.

Não sei se ele gostaria da exposição de ser o tema de um Folhetim. Talvez achasse piegas. Mas sei que, com certeza, ficaria emocionado com as palavras de carinho de tantos amigos. Amigos que em seus últimos dias foram lembrados com uma pressa de despedida mesmo. Queria saber deles. Queria vê-los. Infelizmente não consegui atender a todos os seus pedidos, mas pude estar ao seu lado até o último minuto. E isso é muito.

José (Carlos Drummond de Andrade)

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo mofou,
e agora, José?
E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,

sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?
Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?
Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!
Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?